



PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA SOBRE A COMUNICAÇÃO DE MÁ NOTÍCIAS NA FORMAÇÃO MÉDICA.

Lucas Cruz Torres¹, Giliara Carol Diniz de Luna ²

RESUMO

Objetivo: Identificar a percepção dos estudantes de medicina sobre a comunicação de má-notícias na formação médica. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal de abordagem quali-quantitativa, de natureza descritiva quanto aos seus objetivos, realizado com estudantes de Medicina regularmente matriculados do 5^o ao 12^o período na Universidade Federal de Campina Grande campus Cajazeiras e Campina Grande. Para isso, foi empregado um instrumento de coleta em formato de formulário eletrônico, o qual foi pré-testado por meio de um estudo piloto. **Resultados:** A amostra foi constituída por 47 indivíduos selecionados após a aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão. No que concerne ao preparado para comunicação de más-notícias, nenhum dos alunos se sente muito bem preparado e mais da metade dos estudantes não se sente minimamente preparado para esse cenário. Com o avançar dos períodos do curso, foi percebido que não houve mudança nessa percepção, uma vez que quantidade significativa de estudantes dos últimos períodos ainda se sentiam dessa forma. Ademais, todos os estudantes participantes desse estudo consideraram que não há preparo para comunicação de más-notícias em sua formação e que a matriz curricular vigente é ineficaz no que concerne a essa habilidade médica. **Conclusões:** Pode-se identificar a necessidade de implantar no plano pedagógico dos cursos de Medicina temas que abordem a comunicação de más notícias de modo teórico-prático. Há necessidade de que estudos ampliem o estudo dessa habilidade médica.

Palavras-chave: Educação Médica. Humanização da assistência. Assistência à saúde.

¹Aluno do curso de Medicina, Unidade Acadêmica Ciências da Vida, UFCG, Cajazeiras, PB, e-mail: lucascruztorres@hotmail.com

²Doutora, Docente, Unidade Acadêmica da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores, UFCG, Cajazeiras, PB, e-mail: giliara.carol@professor.ufcg.edu.br

PERCEÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA SOBRE A COMUNICAÇÃO DE MÁIS NOTÍCIAS NA FORMAÇÃO MÉDICA.

ABSTRACT

Objective: To identify medical students' perceptions of the communication of bad news in medical education. **Methods:** This is a cross-sectional study with a qualitative-quantitative approach, descriptive as to its objectives, carried out with medical students regularly enrolled from the 5th to the 12th period at the Federal University of Campina Grande, campus Cajazeiras and Campina Grande. For this, an electronic format collection instrument was used, which was pre-tested through a pilot study. **Results:** The sample consisted of 47 individuals selected after applying the inclusion and exclusion criteria. Regarding preparedness for communicating bad news, none of the students feels very well prepared and more than half of the students do not feel at all prepared for this scenario. As the course periods progressed, it was noticed that there was no change in this perception, since a significant number of students from the last periods still felt that way. In addition, all the students participating in this study considered that there is no preparation for communicating bad news in their training and that the current curriculum matrix is ineffective for this medical skill. **Conclusions:** It is possible to identify the need to implement, in the pedagogical plan of Medicine courses, themes that approach the communication of bad news in a theoretical-practical way.

Keywords: Education, Medical. Humanization of Assistance. Delivery of Health Care.

INTRODUÇÃO

O termo "má notícia" designa uma informação que pode ser repassada para pacientes, familiares e/ou cuidadores deste quando há falha ou pouco avanço no processo terapêutico. Esse informe é, muitas vezes, repassado em um cenário frustrante tanto para o profissional quanto para família e paciente, que se encontram extremamente sensíveis (EGGLY *et al.*, 2006).

O modo como os profissionais da saúde transmitem a informação pode influenciar diretamente no modo como o paciente encara o diagnóstico, segue o tratamento, caso haja possibilidade, e enxerga o próprio ambiente hospitalar (CRUZ; RIERA, 2016). Desse modo, saber transmitir essa informação é fundamental para formação de profissionais da área médica (EGGLY *et al.*, 2006). Porém, essa comunicação ainda é vista como uma situação limitante para médicos e estudantes da saúde que, muitas vezes, sem saber lidar com o sofrimento emocional do paciente, podem fazer promessas de sucessos terapêuticos ou uma transmissão abrupta e sem muitas explicações, ou retirar as expectativas de cura, prejudicando a relação médico-paciente (INCA, 2010).

A maioria dos médicos utiliza a sua experiência na prática profissional para decidir como se comportar ao transmitir uma má notícia. Sabendo que o resultado nem sempre é satisfatório, tendo em vista o fato de que muitos profissionais, por vezes, não possuem a sensibilidade para detectar o mal gerado e que pode trazer prejuízos mentais severos ao paciente, à família deste, e ao próprio profissional (LINO *et al.*, 2011), é primordial identificar, entre os estudantes de Medicina, a percepção destes sobre a comunicação de más-notícias na formação médica, considerando que a comunicação de notícias ruins é uma habilidade importante a ser fomentada na graduação médica, pois, provavelmente, estará presente na atuação profissional da maioria dos médicos (DIAS; PIO, 2019; LINO *et al.*, 2011). Assim, o objetivo geral desse trabalho é identificar a percepção dos estudantes de medicina sobre a comunicação de má-notícias na formação médica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Natureza do estudo

Trata-se de um estudo transversal de abordagem quali-quantitativa, de natureza descritiva quanto aos seus objetivos, uma vez que busca descrever as

características do fenômeno “Percepção de estudantes de medicina sobre comunicação de más notícias na formação médica.”, pelo levantamento de informações que auxiliaram o pesquisador a conhecer mais a seu respeito, a partir de uma amostragem não probabilística.

Local do estudo

O local da pesquisa consiste na UFCG (campi Campina Grande e Cajazeiras), situada no estado da Paraíba, no período de abril de 2022 a agosto de 2022.

População-alvo e amostra

A amostra inclui 47 estudantes de Medicina vinculados à UFCG, dos campi Cajazeiras e Campina Grande, que alcançaram os períodos letivos pertencentes ao intervalo entre o 5º e o 12º semestre cursado, durante o período acadêmico 2021.2, e que aceitem responder ao instrumento de coleta de dados, bem como se disponibilizem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Justifica-se o recorte de períodos do curso por apenas a partir desses períodos os estudantes já terem cumprido na matriz curricular do curso de Medicina de Cajazeiras o componente de “Semiologia”, e na matriz curricular de Campina Grande a disciplina equivalente denominada “Iniciação ao Exame Clínico”, os quais fomentam as bases da relação médico-paciente.

Crítérios de inclusão

Foram incluídos no estudo, discentes do curso de Medicina, vinculados a UFCG e que estiveram regularmente matriculados no período acadêmico 2021.2, nos campi de Campina Grande e Cajazeiras.

Crítérios de exclusão

Foram desconsiderados da amostra estudantes de Medicina transferidos de outras instituições que tenham cursado algum componente curricular abordando a comunicação de más notícias. Essa exclusão foi efetivada para evitar viés na análise do objetivo específico relacionado a eficácia da matriz curricular existente na comunicação de más-notícias, para o estudante participante da pesquisa

Coleta de dados

O instrumento de coleta é um questionário eletrônico elaborado na plataforma Google Formulários® com questões optativas e subjetivas. O foi efetivado a partir de postagens na rede social “Instagram” dos pesquisadores, assim como através de grupos de Medicina da UFCG nas redes sociais “*Whatsapp*” e “*Telegram*”.

A população foi ainda convidada a participar a partir de e-mail enviado ao endereço eletrônico institucional dos estudantes, fornecidos pelas coordenações dos cursos. A partir da aquisição dessa lista, foi enviado individualmente um e-mail de convite a cada potencial membro da amostra, com o fito de evitar que, por meio de listas, os participantes da pesquisa se identifiquem. O acesso à lista de participantes é de utilização exclusiva dos pesquisadores desse estudo. Dessa forma, não há qualquer compartilhamento desta com terceiros.

Durante o convite via redes sociais e e-mail individual, houve o esclarecimento aos participantes de pesquisa, que antes de responder às perguntas do pesquisador, disponibilizadas no formulário, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ou Termo de Assentimento, quando for o caso) para a sua anuência.

Ademais, foi esclarecido que a qualquer momento e sem nenhum prejuízo, pode haver a retirada do consentimento de utilização dos dados do participante da pesquisa bem como dos métodos para sua efetivação. Durante toda a realização da pesquisa, o participante teve o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento, através de atalhos colocados na página questionando a existência de interesse em continuar na pesquisa. Desse modo, em todas as questões não houve a obrigatoriedade da resposta e em cada página do formulário houve uma pergunta que o direcionará a saída do formulário.

Análise de Dados

Os dados obtidos são de natureza quali-quantitativa e foram consolidados em planilhas eletrônicas no programa Microsoft Excel® para a execução das análises. A verificação foi realizada a partir de estatística descritiva, cujo objetivo é o de representar, de forma concisa, sintética e compreensível, a informação contida num conjunto de dados. Foram utilizadas as medidas de posição, que servem para caracterizar o que é “típico” no grupo, e medidas de dispersão, que servem para medir como os elementos estão distribuídos no grupo.

Estudo Piloto

Antes de aplicar o questionário com a população de escolha, foi aplicado um estudo piloto com uma população similar, mas não idêntica de participantes. O objetivo deste era testar nosso instrumento de coleta e buscar indicações de melhorias conforme a experiência da população participante do piloto. A partir da

coleta de informações, conseguimos melhorar nossa ferramenta de coleta reduzindo textos e adicionando elementos de multimídia nas orientações sobre o estudo.

Aspectos éticos e legais

Todos procedimentos e coleta de informação estão baseados na resolução nº 466/2012 aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS). A aplicação dos questionários iniciou apenas após a aprovação do projeto pelo comitê de ética no dia 07/2022 pelo Comitê de Ética e Pesquisa Humana do Centro de Formação de professores da UFCG sob número CAAE 56739622.1.0000.5575.

Diante da adaptação necessária à realidade *online* de execução do projeto de pesquisa, o TCLE e o TALE passaram por modificações substituindo a assinatura do participante da amostra, por opção no formato de pergunta da concordância com a participação na pesquisa, com as opções “sim” ou “não”, seguida de uma nova pergunta de confirmação do interesse de participação da pesquisa com a opção: “sim, prosseguir” e “não, sair”.

DESENVOLVIMENTO

Durante muito tempo as instituições de ensino direcionaram o ensino para uma visão biocêntrica/tecnocêntrica. As universidades formavam especialistas em doença e não os capacitavam para cuidar de doentes (MARTA *et al.*, 2009). Diante disso, modificações foram propostas pela Política Nacional de Humanização, que estabeleceu uma nova forma de cuidado com os usuários dos serviços de saúde pautados na humanização (BARBOSA *et al.*, 2013) e pelas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Medicina propõem a associação da teoria e da prática e o desenvolvimento de habilidades com a capacidade de transformar a realidade (BRASIL, 2014).

Os cursos de Medicina passaram, então, a empreender mudanças em prol da formação de profissionais humanizados e capazes de atender às demandas sociais. Nesse sentido, ressalta-se a pertinência do ensino de comunicação da má notícia com o fito de permitir o estudante atuar de maneira empática e eficiente (NETO *et al.*, 2017).

A singularidade do momento da transmissão dessa notícia ruim ser carregado de emoção reforça a necessidade do estudante possuir preparo adequado para lidar com as reações dos pacientes e com os próprios sentimentos. Esse cenário ainda faz com que muitos estudantes de medicina se sintam desconfortáveis e inseguros

com essas tarefas, especialmente quando relacionadas aos cuidados de fim de vida do paciente (PIMENTEL *et al.*, 2020).

Nesse sentido, a comunicação é uma habilidade que pode ser aprendida, treinada e ensinada, permitindo uma comunicação eficaz, em um ambiente de apoio emocional que contemple as necessidades dos pacientes e minimize sofrimentos advindos da sua condição de saúde, através do apoio emocional dispensado. Assim, comunicar más notícias é uma das tarefas difíceis do médico, pela necessidade de responder às emoções do paciente de forma empática e continente, exigindo habilidades relacionais, que precisam ser ensinadas no processo de formação profissional (MEHNERT-THUERKAUF; KORANYI, 2022; PIMENTEL *et al.*, 2020). Uma comunicação de más-notícias bem-sucedida é marcada pela centralização no paciente e pode influenciar positivamente parâmetros importantes por parte do paciente, familiares e terapeutas profissionais (THUERKAUF; KORANYI, 2022).

A pandemia do Coronavírus, a partir de 2019, trouxe a pauta da comunicação de más notícias, já que ocorriam muitos agravos de casos e muitas mortes em pouco tempo para assimilação e compreensão das informações. Foi percebido por estudos como o de Ribeiro *et al.* (2021) que os estudantes de medicina, principalmente, internos não estavam preparados para comunicar más-notícias às famílias, de modo que quando a faziam, esqueciam de pontos importantes. Esse estudo ainda aponta que é possível que o processo didático utilizado para a Comunicação de Más Notícias ao paciente e seus familiares não esteja adequadamente ministrado durante a formação médica no Brasil. Nesse sentido, justifica-se a realização do estudo alvo desse relatório parcial.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil da população

A partir da aplicação do questionário eletrônico, foram coletadas 50 respostas. Desse total, 03 foram excluídas por estarem duplicadas, uma vez que o participante respondeu o formulário duas vezes. Conforme os critérios de exclusão, nenhum participante a mais foi excluído desse estudo devido ao fato de os 47 declararem não ter vindo de outra instituição em que tenham cursado disciplina que abordasse a comunicação de más notícias.

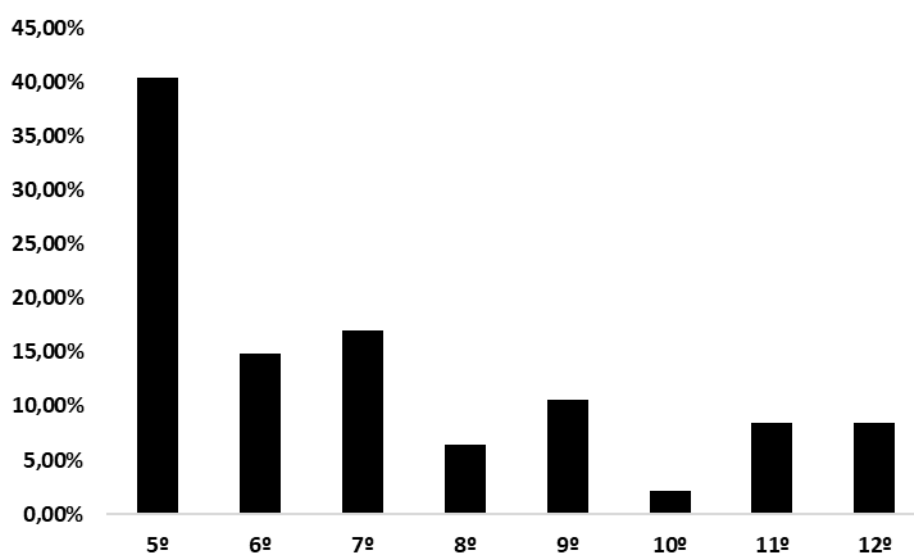
No que concerne ao gênero, 29 (61,5%) pertenciam ao feminino e 18 (38,3%) ao masculino. Todos os participantes possuíam idade maior que 18 anos, de modo que:

18 (25,5%) pertenciam ao intervalo de de 18 a 22 anos, 32 (68,1%) possuíam entre 23 a 27 anos, 02 (4,3%) possuíam entre 28 a 32 anos e apenas 01 (2,1%) pertencia ao intervalo de 33 a 37 anos.

Sobre a etnia, 23 participantes (48,9%) se autodeclararam brancos, 21 indivíduos (44,7%) se autodeclararam pardos e 03 pessoas (6,4%) se autodeclararam negros. Conforme o esperado, obtivemos uma maior quantidade de participação do campus de Cajazeiras, provavelmente, devido ao fato de ser a sede de pesquisadora orientadora e orientando e estes terem maior contato com os demais estudantes. Entre os participantes, 32 (69,1%) pertenciam ao campus de Cajazeiras, enquanto 14 participantes (30,4%) pertenciam ao campus de Campina Grande.

Sobre os períodos acadêmicos em que os estudantes estavam: 19 (40,4%) pertenciam ao 5º período de Medicina, 07 (14,9%) ao 6º período de Medicina, 08 (17%) ao 7º período, 03 (6,4%) ao 8º período, 05 (10,6%) ao 9º período, 01 (2,1%) ao 10º período, 04 (8,5%) ao 11º período e 04 (8,5%) ao 12º período. Isso é possível identificar no gráfico 1. Desse modo, diante da discrepância de participação entre estudantes dos diversos períodos, iremos comparar as respostas para uma mesma pergunta entre os diferentes períodos. Isso será efetivado, pois pode haver o contato do estudante com o componente comunicação de más notícias durante o curso.

Gráfico 1. Distribuição de participantes conforme semestre cursado atualmente.

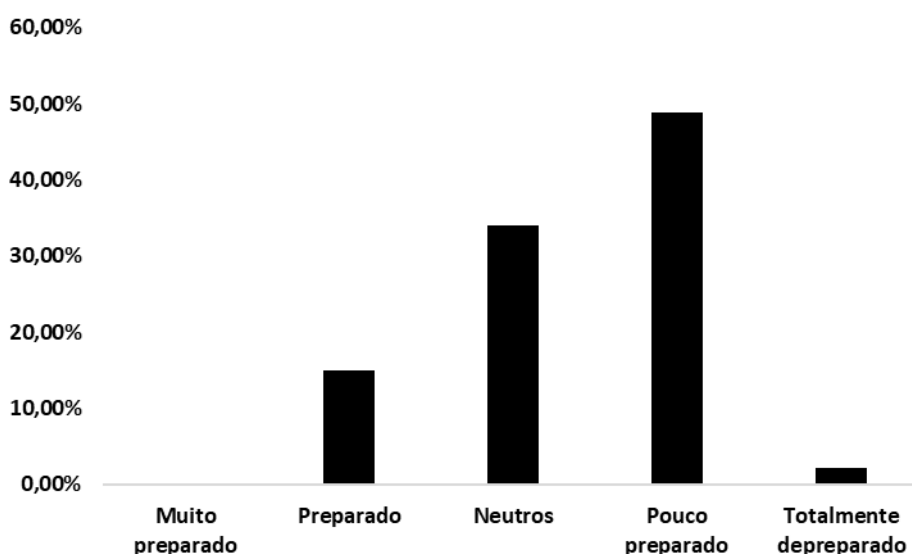


Fonte: Elaboração própria.

Perguntas referentes a percepção sobre desempenho na comunicação de más notícias.

Ao iniciar a coleta de dados, o primeiro questionamento foi se o estudante já havia pensado sobre seu preparo na comunicação de más-notícias antes da realização desse estudo. 40 participantes (85,1%) referiu já ter pensado enquanto, enquanto 07 (14,9%) ainda não havia pensado sobre. A respeito do questionamento sobre o quanto se sentiam preparados para comunicação de más-notícias, nenhum dos alunos se sente muito preparado, 07 (14,9%) se sentem preparados, 16 (34%) se sentem neutros sobre o posicionamento, 23 (48,9%) se sentem pouco preparados e 01 (2,1%) se sente totalmente despreparado.

Gráfico 2. Distribuição de participantes conforme seu preparo na comunicação de más notícias.



Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre a percepção dos estudantes acerca do seu preparo na comunicação de más-notícias, temos a tabela 01. Neste, há a quantidade de alunos de cada período e a classificação quanto ao seu preparo. Dentro dos parênteses, há a porcentagem de alunos daquele semestre que se considera naquela condição.

Tabela 1. Gráfico de percepção de preparo com base no semestre em curso.

Período	Muito preparado	Preparado	Neutro	Pouco preparado	Totalmente despreparado	Total
5º	0 (0%)	2 (11%)	8 (42%)	9 (47%)	0 (0%)	19
6º	0 (0%)	1 (14%)	3 (43%)	3 (43%)	0 (0%)	7
7º	0 (0%)	1 (13%)	1(13%)	6 (74%)	0 (0%)	8
8º	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (67%)	1 (33%)	3
9º	0 (0%)	3 (60%)	0 (0%)	2 (40%)	0 (0%)	5
10º	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	1
11º	0 (0%)	0 (0%)	1 (25%)	3 (75%)	0 (0%)	4
12º	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (100%)	0 (0%)	4
Total	0	7	16	23	1	

Fonte: Elaboração própria.

O dado mais chamativo é que inclusive nos períodos que compreendem o internato/estágio (9º ao 12º período) não foi verificada uma maior quantidade de percepções de preparo quanto a comunicação de más notícias. Enquanto no 9º semestre, tivemos 60% dos participantes totais desse período afirmando se sentirem preparados, tivemos 40% afirmando estão pouco preparados. No 10º período, o único participante se declarou neutro, enquanto no 11º período e no 12º os participantes se declarando neutro ou pouco preparado.

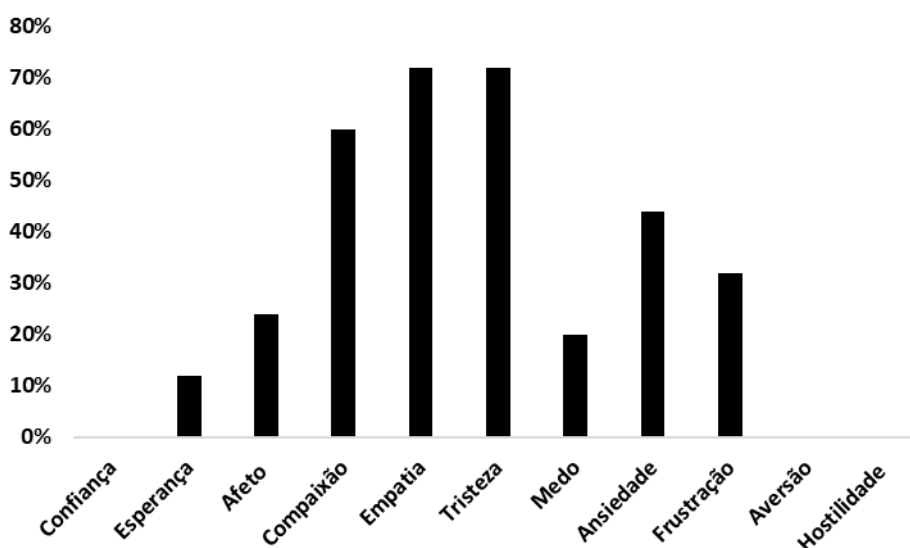
No que concerne as experiências prévias de alunos com a comunicação de más-notícias, 30 alunos (63,8%) afirmaram já terem participado ou presenciado a comunicação de más notícias, enquanto 17 (36,2%) informaram não ter participado ainda. 23 participantes dos 30 que já comunicaram más notícias, responderam ao questionamento sobre o meio de comunicação por meio do qual atuou. O contato pessoal foi o meio utilizado em 95,7% dos casos, porém também foram empregado o contato telefônico em 8,7% das vezes e o contato via mensagem ou SMS em 8,7% das vezes.

Dos 30 participantes que já participaram de uma situação de comunicação de más notícias, 25 responderam ao questionamento sobre a autoavaliação da postura na comunicação de más notícias. Dois desses estudantes (8%) afirmaram ter tido uma postura muito boa, 4 (16%) boa, 14 (56%) razoável, 4 (16%) ruim e 1 (4%) se autoavaliou como muito ruim.

O estudo de Sombra Neto *et al.* (2017) feito em uma faculdade em que há a presença da temática de comunicação de más notícias teve que 93% dos estudantes que cursaram a disciplina apresentaram escores considerados bons e excelentes na avaliação, enquanto o estudo de Ganesh *et al.* (2010) realizado em uma instituição que não tem essa disciplina em sua grade curricular, os alunos do último ano de Medicina apresentaram severos erros no que concerne a habilidades de comunicação, em especial escuta empática e comunicação da má notícia.

Sobre os sentimentos que permearam o processo de comunicação de más notícias, temos o Gráfico 3, em que percebemos que os mais prevalentes foram empatia, tristeza, compaixão, ansiedade e frustração. Enquanto os sentimentos menos expressos são confiança, aversão e hostilidade.

Gráfico 3. Sentimentos que permearam o processo de comunicação de más notícias pelos estudantes.



Fonte: Elaboração própria.

Araújo e Silva (2012) em seu estudo com estudantes, estes apontam que os sentimentos que mais surgem são “solidariedade”, “compaixão”, “apoio” e “atenção”.

Essas são descrições ou denominações de sentimentos, que embora sejam essenciais, não são estratégias de ações concretas e aplicáveis à prática médica.

No estudo de Pereira (2005), dos integrantes da pesquisa, 51% sentem-se afetados pelo ato de comunicar uma má notícia, dos quais 26% têm dificuldade em lidar com os próprios sentimentos, 17% têm a autoestima diminuída em relação ao profissionalismo e 8% não conseguem diferenciar seus sentimentos daqueles de pacientes e familiares. Monteiro e Quintana (2017) Trazem que isso reflete o despreparo dos profissionais da saúde em lidar com tais situações. Um adequado preparo teórico e emocional proporcionaria tanto uma melhor comunicação com os pacientes, como uma diminuição do grau de ansiedade do profissional.

Perguntas referentes a educação médica e ao preparo para comunicação de más notícias

Todos os 47 participantes desse estudo consideraram que o preparo para a comunicação de más notícias deve ser obtido durante a graduação. Destes, 12 estudantes (25,5%) afirmam que este deve ser implementado desde o 1º período, 29 estudantes (61,7%) consideram que deve ser implementado desde o 4º período (preparo para o ciclo clínico), enquanto, 6 estudantes (12,8%) julgam que este deve iniciar no 9º período (início do internato).

Os estudos de Dohms *et al.* e Dias e Pio (2019) não trazem um período específico para a implantação dessa disciplina, mas sim que desde o início do ciclo clínico diante do conhecimento das especialidades médicas que a comunicação de más notícias deveria ser trabalhada em cada especialidade. Diante da inexistência desse repasse, conforme passado pelos participantes dos dois estudos, os estudantes tendem a ter uma aproximação com a prática da comunicação é descrita no cenário hospitalar, no internato ou no eletivo muitas vezes sem qualquer preparo prévio.

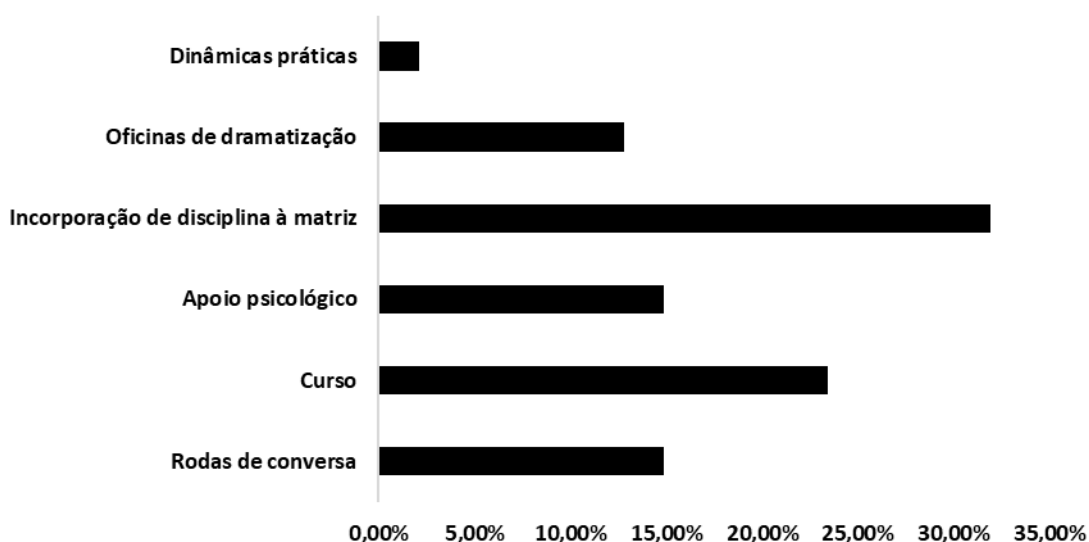
Em relação ao preparo para comunicação de más notícias na graduação em curso do estudante, 74,5% afirmaram não ter sido preparados em qualquer disciplina obrigatória, optativa ou complementar para comunicação de más notícias, enquanto 25,5% afirmaram já terem sido preparados. Cerca de 30% dos estudantes (14) afirmaram ter buscado treinamentos a fora do curso para aprender sobre a temática, enquanto cerca de 70% nunca procurou aprender mais sobre a temática. Dos 33 estudantes que participaram de treinamentos externos, 29 responderam o

questionamento sobre seu preparo pós curso externo. 55% (16) se sentiu mais preparado em transmitir más notícias, enquanto 45% (13) não se sentiu.

Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Dias e Pio (2019) em que os participantes, independentemente da série, informaram que com relação às oportunidades de aprendizagem identificam que a teoria e a técnica de comunicação de más notícias não foram abordadas no currículo. Os autores identificam a necessidade de, para além da teoria, compreender a técnica de comunicar más notícias, articulando a necessidade do fazer ou da abordagem propriamente dita.

No tocante a matriz curricular e a vivência dos estudantes até o momento, 100% dos 47 estudantes que participaram do presente estudo concordam que ela é ineficaz para o preparo de estudantes na comunicação de más notícias. As principais sugestões dos estudantes para melhorar o preparo na comunicação de más notícias foram, conforme podemos evidenciar no gráfico 4, incorporação de disciplina na matriz curricular, cursos, dinâmicas práticas sobre o assunto e apoio psicológico.

Gráfico 4. Medidas para melhor preparo de estudantes em relação a comunicação de más notícias.



Fonte: Elaboração própria

Nesse sentido, os estudos de Sombra Neto *et al.* (2017), Dohms *et al.* (2013) e Dias e Pio (2019) concluíram que a incorporação de componente curricular relacionado a comunicação de más notícias e o fornecimento de um cenário

simulado que os permita experimentar e aprender em um ambiente seguro, sem a possibilidade de prejudicar pacientes reais é fundamental para promoção de maior autoconfiança e maior preparo diante dos cenários que esses estudantes enfrentarão. Dias e Pio (2019) trazem que diante da resistência ainda existente das diversas instituições de ensino de atualizar a grade curricular, abordar a temática a partir de simpósios e outras atividades extracurriculares, organizadas por Ligas Acadêmicas devido à falta sentida da teoria e da técnica em comunicar más notícias no currículo.

O preparo para comunicar más notícias não envolve apenas o complexo processo de comunicar uma notícia de modo adequado, envolve competências que devem ser ensinadas na formação de um profissional da saúde como: realizar escuta ativa, fazer contato visual, buscar a congruência verbal e não verbal com gestos de apoio são estratégias que demonstram dedicação e cuidado, contribuindo para um vínculo médico-paciente empático e menos permeado pela tensão (SILVA; ZAGO, 2005).

CONCLUSÃO

Os resultados que emergiram deste estudo trazem a importância de ampliar os estudos sobre a temática, uma vez que é fundamental para uma adequada formação profissional médica. A partir desse estudo, pode-se identificar ainda a necessidade de implantar no plano pedagógico dos cursos de Medicina temas que abordem a comunicação de más notícias de modo teórico-prático.

Enquanto limitação do estudo, temos a quantidade pequena de participantes, apesar do convite ser feito por e-mail, redes sociais e aplicativos de mensagens. Outra limitação é não ter conseguido uma quantidade suficiente de participantes que representassem suficientemente a classe de estudantes daquele período.

Estudos futuros podem investigar e intervir na realidade do ensino e do serviço com a proposição de maior articulação entre a teoria e a prática e a formação permanente de docentes/profissionais, com repercussões no cuidado em saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro proporcionado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.; SILVA, M. O conhecimento de estratégias de comunicação no atendimento à dimensão emocional em cuidados paliativos. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 21, p. 121–129, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/j/tce/a/vpS9FyhFCgFLbtGjnVBQVLK/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2022.

CRUZ, C. O.; RIERA, R. Comunicando más notícias: o protocolo SPIKES.

Diagnóstico & Tratamento, v. 21, n. 3, p. 106-108, 2016. Disponível em:

https://docs.bvsalud.org/biblioref/2016/08/1365/rdt_v21n3_106-108.pdf. Acesso em: 14 jun 2021.

DIAS, N. C.; PIO, D. A. M. Percepção dos Estudantes de Medicina sobre

Comunicação de Más Notícias na Formação Médica. **Revista Brasileira de**

Educação Médica, v. 43, n. 1 suppl 1, p. 254–264, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/N7bFkWL8tmFSGrsTLDjynhP/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 15 jun. 2021.

DOHMS, M. *et al.* Potencialidades no ensino-aprendizagem da comunicação médico-paciente em três escolas brasileira, espanhola e holandesa. **Revista**

Brasileira de Educação Médica, v. 37, n. 3, p. 311–319, 2013. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000300002&lng=pt&tlng=pt)

[55022013000300002&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000300002&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 19 set. 2022.

EGGLY, S. *et al.* Discussing Bad News in the Outpatient Oncology Clinic: Rethinking

Current Communication Guidelines. **Journal of Clinical Oncology**, v. 24, n. 4, p.

716–719, 2006.

FILHO, A. P. S.; BARBOSA, J. C. O potencial de um estudo piloto na pesquisa

qualitativa (The potential of a pilot study in qualitative research). **Revista Eletrônica**

de Educação, v. 13, n. 3, p. 1135–1155, 2019. Disponível em:

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2697>. Acesso em:

20 mar. 2022.

GANESH, A *et al.* Reflective writing by final year medical students: lessons for curricular change. **The National Medical Journal of India**, v. 23, n. 4, p. 226–230, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. Coordenação Geral de Gestão Assistencial. Coordenação de Educação. **Comunicação de notícias difíceis: compartilhando desafios na atenção à saúde**. Rio de Janeiro: INCA; 2010. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/humanizacao/biblioteca/documentosnorteadores/comunicacao_de_noticias_dificais.pdf. Acesso em 14 jun 2021.

LINO, C. A. *et al.* Uso do protocolo Spikes no ensino de habilidades em transmissão de más notícias. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 35, n. 1, p. 52–57, 2011.

MEHNERT-THEUERKAUF, A.; KORANYI, S.. Kommunikation mit schwerstkranken Patienten – mehr als nur Breaking Bad News. **Therapeutische Umschau**, v. 79, n. 1, p. 29–35, 2022. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/10.1024/0040-5930/a001325>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MONTEIRO, Daniela Trevisan; QUINTANA, Alberto Manuel. A comunicação de Más Notícias na UTI: Perspectiva dos Médicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ptp/a/kFhGtHmLvmy6H7NyPG9TkbK/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2022.

PEREIRA, Maria Aurora Gonçalves. **Comunicação de más notícias em saúde e gestão do luto: contributos para a formação em enfermagem**. 2005. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/22906>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, V; ZAGO, M. A revelação do diagnóstico de câncer para profissionais e pacientes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 4, p. 476–480, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000400019&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 set. 2022.

SOMBRA NETO, L. *et al.* Habilidade de Comunicação da Má Notícia: o Estudante de Medicina Está Preparado? **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 2, p. 260–268, 2017. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000200260&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 set. 2022.

ZACCARON, R. *et al.* Estudo piloto: um processo importante de adaptação e refinamento para uma pesquisa quase experimental em aquisição de l2. **Revista do GELNE**, v. 20, n. 1, p. 30–41, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/13201>. Acesso em: 20 mar. 2022.